



Nara Vidal

SHAKESPEARIANAS

As mulheres
em
Shakespeare

/re.li.cá.rio/



SUMÁRIO



{ ATO I }
HUMANA NATUREZA SELVAGEM

Apresentação 13

{ ATO II }

FOGO

Julieta 31

Cleópatra 49

Catarina 65

{ ATO III }

ÁGUA

Lavínia e Tamora 79

Ofélia 89

Desdêmona 105

{ ATO IV }

TERRA

Sycorax e as Bruxas 121

Cordélia, Goneril e Regan 137

{ ATO V }

AR

Portia 151

Lady Macbeth 165

Viola 181

Agradecimentos 197

{ A T O I }

HUMANA
NATUREZA
SELVAGEM



APRESENTAÇÃO

Quais as personagens em Shakespeare mais motivam, comovem, instigam? Abro este livro partindo dessa indagação. A mulher na obra de Shakespeare é complexa, movimenta-se nas narrativas. Personagens femininas foram criadas pelo Bardo entre os séculos XVI e XVII, quando às mulheres não era permitido o trabalho de atriz.

Macbeth é um vilão. Lady Macbeth, também vilã? A transformação sofrida por Macbeth é fundamentalmente moral. Já Lady Macbeth vivencia nuances morais, psicológicas, de gênero, com um rico campo interpretativo e, por isso, é ao mesmo tempo raso e redutor categorizá-la como vilã.

HUMANA NATUREZA SELVAGEM · SHAKESPEARIANAS



Para encenarem “Noite de reis”, há uma teia bastante interessante. Quando Viola, que é irmã gêmea de Sebastian, acredita que o irmão naufragou, ela chega em Ilíria e se veste de homem. Esse “homem”, Cesário, apaixonou-se por Orsino, que é apaixonado por Olivia e esta, por sua vez, se interessa perdidamente por Cesário que, de fato, é Viola. Certamente essa dinâmica trouxe desafios: homens que deveriam fazer papéis de mulheres, que fariam papéis de homens e que seriam finalmente desmascarados como mulheres, mas o tempo todo como homens.

E o que dizer de personagens como Julieta Capuleto, com sua sagacidade? A integridade e a inteligência de Cordélia? A ambição e a estratégia de Goneril e Regan? A assertividade, o inconformismo e a astúcia de Catarina? O erotismo e a liberdade de Cleópatra?

Personagens com diversas camadas são a proposta de Shakespeare para seu elenco feminino. Quase não há equivalência intelectual entre elas e seus pares masculinos. Se esses homens honraram a complexidade de performar cada uma ou se preferiram aderir ao estereótipo caricaturado, não sabemos.

Para Virginia Woolf e Harold Bloom, leitores apaixonados pelo Bardo, a questão feminina em Sha-

kespeare precisa ser compreendida. Woolf e Bloom apontavam para um valor literário tão imenso que, a partir dele, poderíamos nos deter em questões do nosso maior interesse e da nossa mais profunda identificação. E, ao seguir essa linha de pensamento, afirmo: este não é um livro exatamente feminista. A dificuldade em categorizá-lo como tal é pela limitação que uma nomeação acarreta. Mas, basta uma leitura atenta para identificar a superioridade das personagens femininas nas obras shakespearianas – o que não significa que tenham sido descritas e representadas como mulheres de valores inabaláveis e bondade inquestionável.

A escolha do gênero feminino para apresentar essas reflexões tomou-me tempo e consideração. Não é difícil se deixar seduzir por interpretações com base psicológica em Shakespeare, histórias de mitos clássicos e de relações com a contemporaneidade. A base da trama é, na maioria das vezes, comum. Mas, a partir de um desenvolvimento complexo dos envolvidos nessa trama simples, é Shakespeare quem transforma uma briga de família por herança em um “Rei Lear”; uma desobediência e rebeldia de adolescência em “Romeu e Julieta”. Partir do princípio de que esses escritos

são de cunho feminista reduz o interesse de um potencial leitor e mesmo as possibilidades interpretativas da obra, levando em conta o equívoco de muitos em considerar o feminismo como um problema feminino.

Este é, portanto, um livro livre de rótulos sobre algumas das personagens mais fascinantes da literatura à qual já tive acesso. Falar de Scyrorax, das três bruxas, de Lady Macbeth, Cordélia, Regan, Goneril, Ofélia, Julieta, Viola, Catarina, Portia, Desdêmona, Lavinia, Tamora e Cleópatra não se limita a falar de mulheres. Minha proposta quase íntima percorre questões referentes a gênero, sociedade e política, e convoca leitoras e leitores a desbravar os universos dessas mulheres – todas profundas, todas ricas em interpretações, todas shakespearianas.

Nosso ponto de partida aqui é a personagem da peça shakespeariana em si. Minha análise sobre cada uma delas vai ao encontro da ideia de que se a escrita é livre, a leitura também deve ser. Desejo que esse recorte gere uma aproximação entre as personagens criadas por Shakespeare e os leitores que já estão familiarizados com suas obras, e, acima de tudo, com aqueles que têm algum receio de se aventurar em seu universo literário.

A obra de Shakespeare se mantém à prova do tempo, e não da razão, como Harold Bloom ressaltou em *O cânone ocidental*. Polêmico e rigoroso, um dos estudiosos mais devotos de Shakespeare, Bloom considera que, em relação ao conceito de literatura, a disseminação de livros de pouca ou nenhuma qualidade com base unicamente nas concessões políticas (gênero, etnia, religião, raça) ignora o que, para ele, compõe a obra literária – o elemento estético. De fato, suas referências são os clássicos, não coincidentemente escritores homens que marcaram, na nossa sociedade eurocentrada, o chamado cânone: Cervantes, Dante, Homero, Petrarca, Chaucer e, claro, Shakespeare. De acordo com Bloom, embora Emily Dickinson e Virginia Woolf mereçam ser lidas, não sejamos ingênuos: há um déficit escandaloso em sua seleção. Sobre isso, a própria Virginia elaborará melhor para que Bloom leia mais tarde.

Para além de Bloom, destaco Mary Cowden Clarke, que escreveu, em 1890, o livro *The Girlhood of Shakespeare's Heroines* (em tradução livre: “A mocidade das heroínas de Shakespeare”), além de outro inédito no Brasil, *The Complete Concordance to Shakespeare*. Como se não bastasse ressaltarem per-

sonagens femininas contextualizadas no século XIX, esses títulos foram escritos por uma mulher, o que era raríssimo.

Mary Cowden Clarke, que circulou no meio literário do reconhecido Romantismo inglês, conhece outra Mary, irmã de Charles Lamb. Dona de uma biografia escandalosa, tendo sido responsável pelo assassinato da própria mãe com uma faca de cozinha enquanto preparava o jantar, Mary Lamb perdeu a cabeça e a paciência por ter de cuidar de três pessoas fragilizadas, estando ela mesma em grave estado de vulnerabilidade, como foi verificado após o crime. Mary passou por diversas internações em instituições para “lunáticos” e era muito próxima do irmão, Charles. Juntos escreveram *Contos de Shakespeare*, uma coleção de adaptações do Bardo para o público infantojuvenil. Apesar da proximidade que tinham, quando lançado, o livro dos irmãos Lamb exibe apenas a autoria de Charles na capa.

Nessa lógica de exclusão artística, característica dos teatros elizabetano e jacobino, é impossível não me referir a Judith Shakespeare, irmã ficcional de William, criada por Virginia Woolf em *Um teto todo seu*, e também a Clarice Lispector, autora de “A irmã de

Shakespeare”, texto publicado sob o pseudônimo de Teresa Quadros. Dotado de sarcasmo e melancolia, o texto de Clarice apresenta a dificuldade e a eventual impossibilidade de equivalência de gêneros na literatura, nos palcos, nas artes, nas escolas.

Shakespearianas também me faz pensar em Anne. Aos 26 anos, uma mulher engravidou de um rapaz de 18, nas profundezas do Centro-Oeste da Inglaterra, região hoje conhecida como Stratford-upon-Avon, no condado de Warwickshire. Casaram-se e tiveram uma filha, Susanna. Dois anos depois, um casal de gêmeos, Hamnet e Judith. Em pouco tempo, o rapaz e pai das crianças, sentindo-se oprimido pela vida doméstica, abandona a função de fabricante de luvas, profissão que herdaria de John, seu pai, e vai tentar a vida em Londres, onde escreve peças de teatro. Essa é uma das versões simplórias sobre Anne Hathaway e William Shakespeare. As especulações biográficas desses sujeitos são, como aquelas referentes a Shakespeare, infinitas e pouquíssimo confiáveis. Anne poderia ter sido Agnes, seu sobrenome poderia ter sido Whateley, ou Anne Whateley talvez tivesse sido sua rival, já que ambos os nomes estão ligados a Shakespeare. Esses eram tempos de documentações e

registros pouco insuspeitos, considerando o caso de quem, como Shakespeare, viveu em Londres, cidade parcialmente destruída pelo grande incêndio de 1660. Por isso, inclusive, me interessa a existência de Anne, mãe de Susanna, Judith e Hamnet, o filho que morreu aos 11 anos. A vida dessa mulher quase desaparecida, apagada, não apenas pela insuficiência documental, foi salva do completo anonimato por sua ligação com o marido famoso. Uma mulher que se fosse, quem sabe, posta como personagem numa peça shakespeariana, nos levaria à história de uma pessoa desobediente que engravidou antes do casamento, criou os três filhos na ausência do marido e vivenciou o luto de seu único menino. Outra Anne foi a irmã de Shakespeare, uma menina que morreu aos 8 anos, quando este tinha 15.

Hoje em dia é improvável saber se algum inglês guarda laços familiares com William Shakespeare. As mulheres que se casaram adotaram os sobrenomes dos maridos. Ao encontrarmos alguém de sobrenome Hall ou Hart no condado de Warwickshire, talvez estejamos o mais próximo de algum descendente do dramaturgo.

As especulações em torno da identidade e da autoria das peças de Shakespeare são infundáveis. Custa muito me deixar seduzir por essas teorias. O que move e comove nos textos assinados por quem, hoje, reconhecemos como William Shakespeare não são seus registros queimados, destruídos e ilegíveis. Poderiam até mesmo ser textos anônimos, mas são atribuídos a ele. Muito mais do que falar do autor, essa obra fala de nós.

Voltando a Harold Bloom, que destrinchou toda sua obra com compromisso e paixão, *Shakespeare: A invenção do humano* é seu mais importante trabalho. A minha cópia foi comprada em 2000, quando eu assisti a uma palestra de Bloom sobre Shakespeare na Universidade da Califórnia. Naquela época, eu começava a desbravar o universo do dramaturgo e a impossibilidade de conclusões em Shakespeare, a não ser a de que talvez Bloom estivesse certo na sua adoração. Antes de falecer, em 2019, Bloom foi frequentemente questionado sobre a questão feminista – ou a falta dela – na obra do Bardo. Era comum notar sua impaciência ao explicar o que ele dizia ser bastante claro.

De fato, feminismo não foi um termo e muito menos uma questão presente no século XVI. Muito

pelo contrário: a situação das mulheres era terrível exatamente porque não havia o nível de consciência e avanço em torno dos direitos que temos hoje. Na Inglaterra, costuma-se marcar a origem dessas ideias a partir da obra de Mary Wollstonecraft, autora de *Pensamentos sobre a educação das filhas*, de 1787, e *Uma reivindicação dos direitos da mulher*, de 1792. Mãe de Mary Shelley, autora de *Frankenstein*, Mary Wollstonecraft escandalizou os britânicos com suas ideias. Seu marido, tão liberal quanto ela, se recusou a concordar com alterações de editores sobre as propostas sociais e filosóficas de sua companheira em publicação póstuma.

Tão viscerais que são, costume imaginar as personagens shakespearianas como elementos da natureza, com toda a ambivalência que carregam. Numa alternância entre força e vulnerabilidade, penso o espaço natural como imagem para os corpos das mulheres – explorados, amados, violentados, habitados. Com essa ideia em mente, proponho um conjunto de personagens associadas a cada um dos quatro elementos como forma de destacar traços de sua personalidade.



Guarani, 1979. No aniversário de 5 anos, meus pais, professores e acostumados aos crediários que financiavam nosso bem-estar, compraram uma boneca gigante da Estrela, chamada Chorinho. Era a melhor boneca que se poderia ter naquele momento, não fosse um detalhe: na única loja de discos da cidade, eu havia me deparado com um vinil da Turma da Mônica: “Romeu e Julieta”. Os nomes Montéquio e Capuleto me faziam perder o fôlego de tanto rir, e era aquele disco que eu queria de presente de aniversário. Já tinha perdido a chance seis dias antes, no Dia das Crianças, quando ganhei uma boneca Emília. Pedi por dias repetidos o disco. Ainda assim, meus pais acharam que eu merecia mais. Tanto merecia que, em prestações, levaram para casa, num embrulho de flores, a Chorinho. Quando eu abri, na manhã de horas ainda escuras, antecipada em excitação, o grande pacote em nada me lembrava um disco de vinil. Chorei pela Chorinho. Pedi desculpas por não gostar daquele presente caro e insistir querer um disco. Na hora do almoço, meu pai aparece carregando o meu sonho de ouvir na vitrola a tal história “Romeu e Julieta”. Shakespeare já estava lá.

© Nara Vidal, 2023
© ilustrações, Marcia Albuquerque, 2023
© desta edição, Relicário Edições, 2023

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 12.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

EDIÇÃO
Michelle Strzoda

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Maíra Nassif

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Anderson Junqueira

FOTOGRAFIA NARA VIDAL
Raquel Sol e Leo Melo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

V648s Vidal, Nara

Shakespearianas: as mulheres em Shakespeare
/ Nara Vidal; [ilustradora] Marcia
Albuquerque. – Belo Horizonte: Relicário,
2023.

200 p. : il. ; 18 cm.

ISBN 978-65-89889-74-8

1. Teatro – Personagens – Mulheres.
2. Mulheres – Gêneros – Sociedade.
3. Shakespeare, William, 1564-1616 – Poeta, dramaturgo e ator inglês. I. Albuquerque, Marcia. II. Título.

CCD: 792 CDU: 792.072

Tiago Carneiro – Bibliotecário – CRB-6/3279




RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado 155 .
casa 1 . Floresta
Belo Horizonte . MG .


31110-080 . Brasil
relicarioedicoes.com


contato@relicarioedicoes.com

 /relicario.edicoes

 @relicarioedicoes

 @relicarioeds

 canal da Relicário

 /relicarioedicoes



1ª EDIÇÃO [2023]

*Este livro foi composto pelas tipografias Gandhi Sans
e Canopee, e foi impresso sobre papel Pólen Bold 90 g/m²
pela Rotaplan na primavera de 2023.*